

## **VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA: PERCEPÇÕES ECOCRÍTICO-POÉTICAS A UM ENSINO INTER E TRANSDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS**

*Elisângela Campos Damasceno <sup>1</sup> e Geraldo Jorge Barbosa de Moura <sup>2</sup>*

### **Resumo**

A Ecopoética é um ramo da Ecocrítica que tem por escopo a investigação das relações entre a poesia e o meio ambiente (físico, simbólico e sociocultural). Nessa ótica, este artigo busca analisar o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, a partir das perspectivas ecocrítico-poéticas, tendo em vista a sinalização de possíveis interfaces epistemológicas, o que pode favorecer um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Desse modo, a presente pesquisa adota o método da Análise do Discurso de Linha Francesa (Pêcheux, 2006; Orlandi, 2012), com o propósito de evidenciar o objetivo proposto. Como principais resultados, verifica-se que o eu-lírico e o escritor estabelecem relações autobiográficas, cujas histórias permeiam diversas áreas (Geografia, Filosofia, Fenomenologia, Psicanálise e História), suscitando, assim, um amplo conhecimento sobre o ser humano. Por conseguinte, este estudo ecocrítico-poético traz profícuas contribuições a um ensino inter e transdisciplinar de ciências.

**Palavras-chave:** Ecopoética; Educação; Holismo.

## **VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA: ECOCRITICAL-POETIC PERCEPTIONS TO INTER AND TRANSDISCIPLINARY TEACHING OF SCIENCES**

### **Abstract**

Ecopoetics is a branch of Ecocriticism that aims to investigate the relationships between poetry and the environment (physical, symbolic and sociocultural). From this perspective, this article seeks to analyze the poem *Vou-me Embora pra Pasárgada*, by Manuel Bandeira, from the ecocritical-poetic perspectives, with a view to signaling possible epistemological interfaces, which can favor an inter and transdisciplinary teaching of sciences. Thus, this research adopts the method of Discourse Analysis of the French Line (Pêcheux, 2006; Orlandi, 2012), with the purpose of evidencing the proposed objective. As main results, it is verified that the lyrical self and the writer establish autobiographical relationships, whose stories permeate several areas (Geography, Philosophy, Phenomenology, Psychoanalysis and History), thus, a broad knowledge about the human being. Consequently, this ecocritical-poetic study brings fruitful contributions to an inter and transdisciplinary teaching of sciences.

<sup>1</sup> Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com Pós-Doutorado em Ensino pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Professora do Instituto Federal do Piauí (IFPI) Campus Paulistana. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Cultura e Educação (GELCE).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade de Buenos Aires (UBA) na Argentina, com Pós-Doutorado em Comportamento pela Universidade do Porto em Portugal. Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Campus de Recife. Membro da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FABRAPSI/IPA).



Phenomenology, Psychoanalysis and History), thus arousing a broad knowledge about the human being. Therefore, this ecocritical-poetic study brings fruitful contributions to inter and transdisciplinary science teaching.

**Keywords:** Ecopoetics; Education; Holism.

## 1. Introdução

*A priori*, sob um espectro histórico, destaca-se que a Ecocrítica teve como marco inicial as contribuições do estadunidense William Rueckert que, na década de 1970, tornou-se célebre na seara da Literatura americana ao se debruçar em estudos que buscavam analisar as relações entre a Ecologia e a Arte, mais especificamente a Literatura. Desse modo, em 1978, inaugurou o termo Ecocrítica, publicando o artigo intitulado “Literature and Ecology: An Experiment Ecocriticism”.

A partir disso, tal expressão, conforme Cheryl Glotfelty (1996), começou a ser adotada nos Estados Unidos e foi ganhando impulso, gradativamente, ao redor do mundo, sendo incorporada por pesquisadores europeus, asiáticos e sul-americanos. Dessarte, a Ecocrítica passou a ampliar as suas formas de emprego, absorvendo diversos campos do conhecimento, como Geografia, Filosofia, História, Psicanálise. Nesse sentido, é pauta vigorosa, ainda hoje, nos debates científicos, tendo a obra literária, notadamente neste artigo o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, como ferramenta impulsionadora da representação da realidade de uma época num dado tempo, na articulação com o ambiente, a sociedade e a cultura.

Nessa esteira da Ecocrítica, é oportuno ressaltar outro termo que se configura como vital à análise do poema de Bandeira: a Ecopoética, que veio a público, nos anos 2000, através do livro *The Song of the Earth*, de Jonathan Bate. Para Bate (2000), a missão da Literatura, mais especificamente da poesia, é aguçar a consciência humana para a continuidade da vida no planeta, sem ameaças, estas decorrentes da destruição dos recursos naturais por meio da poluição das águas, do desmatamento e da ambição desenfreada do ser humano que vem arquitetando outras formas de agressão ambiental.

Daí, surge o grande papel da poesia: poder atuar na sensibilização humana para desenvolver um espírito contemplativo e de pertencimento à Natureza, despertando, assim, uma subjetividade de afeição à Casa Comum. Essa noção de habitar (Bachelard, 2008) é fundamental, a fim de que, sentindo a topofilia (intimidade e apego ao espaço), seja possível conviver amistosamente na Terra. Ademais, a linguagem poética faz-se necessária à construção de um senso crítico acurado e defensivo, que palpita as sensações de cuidado e proteção, evitando, pois, práticas de devastação ao ambiente.

Outrossim, de acordo com o crítico literário Alfredo Bosi (2006), o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, publicado no livro *Libertinagem*, em 1930, de autoria do pernambucano Manuel Bandeira, ambienta os principais sentimentos, vivenciados pelo poeta. Nessa direção, Bandeira retrata desde a solidão (em

meio às crises de tuberculose) até a ausência de uma companheira com quem pudesse dividir as dores mais recônditas, sonhos e esperança. Além da nostalgia da realidade em que se encontrava, o escritor se lançou, também, ao passadismo, trazendo as memórias de sua infância e, paralelamente, as descrições de ambientes naturais em que pôde sugar a essência da felicidade, mesmo recriada por meio da arte.

Relativamente às vicissitudes da existência de Bandeira, vale destacar que, segundo Afrânio Coutinho (1984), esse escritor modernista, muito jovem, foi acometido por uma grave tuberculose, potencialmente fatal no início do século XX, período em que a doença foi diagnosticada no poeta. Nessa época, o autor de “Pasárgada” teve de abandonar o curso de Arquitetura e se dirigiu à Suíça, em busca de tratamento. Entretanto, foi tísico (ainda que parcialmente curado) até os 82 anos de idade, quando viera a falecer de uma hemorragia gástrica.

Diante desse quadro de debilidade pulmonar, Manuel Bandeira não se entregara à patologia, embora estando numa contínua sombra, que prenunciava uma possível morte precoce, o que não ocorreu, tendo, muitas vezes, a sua partida postergada. Nessa reclusão forçada em decorrência da tuberculose, Bandeira, conforme destaca Candido (1981), dedicou-se à construção de versos que inspiravam renovação literária para o início do século XX. Com essa veia artística, contribuiu para a Semana de Arte Moderna de 1922, integrando-se, pois, à Primeira Fase do Modernismo brasileiro (1922-1930).

Considerando esses elementos, contextuais, sublinha-se que o presente artigo tem como objetivo analisar o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, mediante as perspectivas ecocrítica e ecopoética, visando à sinalização de possíveis interfaces epistemológicas, tendo em vista um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Salienta-se, também, que este manuscrito parte da hipótese de que um estudo ecocrítico-poético, por se caracterizar como eminentemente inter e transdisciplinar, permite um ensino relacional de ciências, o que prevê a conjunção de vários campos epistêmicos.

## 2. Metodologia

O presente manuscrito caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e se enquadra no tipo descritivo-explicativo que, conforme Antônio Carlos Gil (2008), apresenta como objetivo, concomitantemente, a evidenciação de fenômenos, bem como a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a existência de tais eventos, elucidando, por sua vez, as razões das regularidades e frequências com as quais eles ocorrem.

Nessa tônica, como método, adotou-se a Análise do Discurso de Linha Francesa que, segundo Michel Pêcheux (2006), não há discurso sem sujeito (eu-poético) e não há sujeito (poeta) sem ideologia. Isso posto, o indivíduo é questionado em sujeito pela ideologia e é, assim, que a língua faz sentido. Posto isso, Eni Orlandi (2012) corrobora a Análise do Discurso de Linha Francesa na qual considera, também, as condições de produção em que a obra foi escrita, o

contexto histórico-social do país e a história de vida do autor, destacando, pois, essas três características como muito relevantes para a análise deste estudo, uma vez que é através dessas ferramentas que será realizada a análise do discurso na obra em questão.

Ademais, na concepção de Orlandi (2012), há de se levar em conta os fatores histórico-sociais que envolveram a produção do discurso e também os sentidos implícitos e explícitos do texto. Vale apontar, ainda, que, na análise do discurso consoante Orlandi (2012), procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico na relação do homem com a sua história e com as construções socioculturais e simbólicas. Isso posto, a linguagem norteia-se pela capacidade de significar e significar-se, validando, assim, tais sentidos no discurso do autor através das considerações de suas condições de produção, as quais compreendem, principalmente, os sujeitos (eu-poético e poeta) e a situação (contexto imediato e contexto amplo).

Nesse sentido, frisa-se que, para compreender as condições de produção no que tange aos sujeitos que enunciam – eu-poético, poeta – e a situação, foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada ao autor de *Pasárgada* e ao período histórico em que se insere a obra em exame, além de ter sido considerada a ideologia intrínseca ao discurso produzido pelos sujeitos que falam no poema, consoante os estudos de Pêcheux (2006).

Para Orlandi (2012), as condições de produção das obras se caracterizam como formações imaginárias que se integram às relações de força (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), às relações de sentido (o coro de vozes ou a intertextualidade, ou seja, a articulação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa). Desse modo, o presente artigo levará em conta essas ponderações, a fim de que sejam desvelados os sentidos que permeiam os discursos da obra em estudo.

Simultaneamente, assinala-se que foram adotadas as perspectivas ecocrítica (Garrard, 2006) e eco-poética (Bate, 2000) como mais um mecanismo de análise do discurso. Nesses termos, conforme Anna Christina Carvalho (2017), as relações entre Literatura e Ecologia são bastante relevantes para uma criteriosa e abrangente investigação em torno das relações ser humano-ambiente, haja vista o universo de interfaces que permeia a dinâmica da vida em sociedade na imbricação com a cultura e a natureza. Por conseguinte, esse contexto suscita um ensino inter e transdisciplinar de ciências, impulsionando, assim, a formação de significados epistêmicos e a produção de sentidos para o ser e o estar no mundo.

Logo, para construir o marco teórico deste manuscrito, foram acessadas vinte e oito publicações, como artigos científicos, localizados em periódicos online e em anais de eventos, disponibilizados eletronicamente, que remontam às primeiras décadas dos anos 2000, além de e-books e livros de críticos literários brasileiros, cuja totalidade do referencial teórico data de 1900 (aporte clássico) até consultas que foram realizadas em sites da internet no primeiro semestre de 2023.



### 3. Resultados e discussões

A Literatura, segundo o crítico literário Alfredo Bosi (2006), configura-se como um campo da criação humana que interliga diversas gerações, cuja produção, outrora escrita e publicada, permanece latente, sendo, pois, atemporal, mantendo-se viva e pungente no contexto contemporâneo. Desse modo, o poema de Bandeira *Vou-me embora pra Pasárgada*, ainda que tenha vindo a público no início do século XX, continua vibrante nas paradoxais relações de idealização e concretude dos espaços sonhados e vividos nos quais o ser humano está imerso na articulação com diversos campos epistemológicos.

No que concerne a “Pasárgada”, esse espaço representa um lugar aprazível e acolhedor, onde o eu-lírico tem a possibilidade de se transportar por meio da imaginação e desfrutar de sensações agradáveis, livrando-se, momentaneamente, das angústias reais: “Aqui eu não sou feliz / Lá a existência é uma aventura... / Andarei de bicicleta / Montarei em burro brabo / Tomarei banhos de mar!” (Bandeira, 2014, p. 33). Outrossim, “Pasárgada”, na energia utópica de Bandeira, desperta-lhe, como também no leitor, emoções topofílicas, de afeição a esse local fictício.

Nesse sentido, cabe pontuar que, conforme Yi-Fu Tuan (1980), geógrafo chinês, a topofilia se caracteriza pela demonstração de uma subjetividade de apego ao lugar onde se habita ou se deseja habitar. Em outros termos, o conceito de topofilia representa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico” (Tuan, 1980, p. 5) e / ou, ainda, “os sentimentos que o ser humano mantém com um lugar, por ser o lar, o espaço de reminiscências pueris” (Tuan, 1980 p. 107). De modo análogo, no contexto ficcional da obra em exame, essa carga simbólica é percebida no discurso do eu-lírico que pretende se deslocar a um ambiente mais aconchegante e, assim, usufruir de momentos mais leves, trazendo à tona a alegria de viver, que foi perdida, mas o eu-poético deseja, ardentemente, reencontrá-la.

Corroborando Tuan (1980), o geógrafo Jan Simon Hutta (2020) reitera que o ser humano na relação com o lugar estabelece com este, quando as experiências e memórias são ou pretendem ser positivas, uma profunda afetividade. Nesse ínterim, os locais tornam-se afetivos e essa subjetividade tem sido revelada mediante as noções de “topofilia”, o que sinaliza o elo entre as pessoas e determinados territórios, sejam eles reais ou imaginários, conforme se identifica no poema em análise.

Sob esse viés, desponta-se, nessa inicial análise ecocrítica e ecopoética, uma interface bem explícita entre Literatura, Ecologia e Geografia Humanista. A partir dessa constatação, percebe-se, na discussão acima, a possibilidade evidente de correlação epistêmica entre esses campos do conhecimento, delineando, assim, uma fértil contribuição para um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Nessa conjuntura, segundo Tuan (1983) na obra *Espaço e Lugar, a perspectiva da experiência*, o emprego da Literatura (especialmente da poesia) e da Ecologia pelos geógrafos, é bastante salutar, uma vez que se caracteriza como uma ousada tentativa de alcançar o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, entre o abstrato e o concreto, entre a emoção e a razão.



Considerando a visão inter e transdisciplinar em que a Geografia está imersa conforme Tuan (1983), torna-se possível romper com o paradigma cartesiano-positivista, que separa os ramos artístico-científicos como se não existissem pontes de aproximação entre eles. Desse modo, é oportuna essa abordagem holística (unir as partes ao todo), tendo em vista a ampliação de perspectivas para uma compreensão mais profunda e significativa dos fenômenos naturais, sociais e simbólicos sobre os quais as mais variadas áreas se debruçam. Isso posto, vale reiterar que, consoante Tuan (1983), a comunhão entre Literatura (Poesia), Ecologia e Geografia propicia uma conjunção epistêmica frutífera, incrementando, de complexidade e sutilezas integradoras, os espaços investigados metafórico-razionalmente.

De outra parte, mas ainda na esfera do deleite silencioso da natureza na relação simbólica com o ser humano e deste com aquela, destaca-se que o eu-lírico imagina “Pasárgada”, em sua subjetividade onírica, como uma cidade inserida num ambiente exuberante: “Tomarei banhos de mar!”. Dessarte, conforme o filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1986), a natureza emana não só um espetáculo de beleza, como também desperta, no eu-poético, uma possível projeção e contemplação. Isso posto, em profunda sensibilidade, o poeta se apropria de uma sublimação doce que destila por seus sentidos e ela se perde na imensidão desse sistema natural com o qual se identifica. Desse encontro, nasce, então, um sentimento topofílico, fortalecendo, assim, uma experiência ecológica de ligação e intimidade entre o ser humano e a natureza.

Nessa seara de topofilia do ser humano com o local habitado (vivido ou sonhado), é imperioso ressaltar os contributos do filósofo francês Gaston Bachelard (2008) que, na obra *A poética do Espaço*, revela que a intimidade com o lugar se dá por meio da construção do afeto. Sendo assim, no verso: “Aqui eu não sou feliz” (Bandeira, 2014, p. 33), o eu-poético demonstra a ausência de apego ao local em que se encontra. Não obstante, em outro verso: “Lá a existência é uma aventura” (Bandeira, 2014, p. 33), o eu-lírico evoca um sentimento aprazível na relação com o espaço sonhado, tendo em vista escapar das agruras do espaço vivido. Ademais, cabe destacar que o termo topofilia foi inaugurado, no meio acadêmico-científico, por Bachelard, em 1957, quando o referido autor publicou a supracitada obra.

Nesse cenário, vale esclarecer que, entre a ecocrítica (Glotfelty, 1996) e os estudos bachelardianos, há pontos de distanciamento e aproximação. Os primeiros se devem ao fato de que aquela perspectiva se nutre do olhar acerca do local físico, tangível; já Bachelard (2008) se lança à percepção onírica dos espaços. Entretanto, as duas vertentes se ocupam da relação subjetiva do ser humano (intimidade e familiaridade) com esses espaços. Daí, a relevância bachelardiana para a presente pesquisa, haja vista a hermenêutica ecopoética da obra *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Outrossim, “Pasárgada”, para o eu-lírico e o autor que lhe concedeu vida, representa, consoante Bachelard (2008), um escapismo locativo. Em outras palavras, essa cidade bandeirense configura-se como uma morada, que simboliza um possível refúgio, trazendo, em sua essência, um sentimento de

proteção, que se assemelha a um abrigo seguro. Nessa linha de raciocínio, surge, então, o léxico “morada-ninho”, postulado pela linguagem poética bachelardiana.

Nesse caminho, como atesta Bachelard (2008), o ser humano tem uma intimidade especial (topofilia) pelos espaços que lhe transmitem cuidado e proteção. Analogamente, isso pode ser identificado no poema sobre o qual se debruça: “Vou-me embora pra Pasárgada / Em Pasárgada tem tudo / É outra civilização / Tem um processo seguro...” (Bandeira, 2014, p. 34). Sendo assim, “Pasárgada” é uma representação de vida feliz, distante de uma realidade atroz e desoladora. Desse modo “Pasárgada”, numa ambientação intangível, permite ao eu-lírico e ao poeta sonhar em paz.

Isso posto, é importante mencionar que o legado bachelardiano contribui a uma melhor compreensão de “Pasárgada”, uma vez que a análise de *A poética do Espaço* permite perceber que o ser humano vive em busca de um lar no mundo. Dessa forma, para o eu-lírico e o poeta, esse habitar seguro e feliz seria o encontro verdadeiro e profundo com a “Pasárgada”, que cada indivíduo intenta conquistar através da interpenetração de uma morada interna e externa, pacificando, assim, a instabilidade de ser e estar no mundo.

Concomitantemente, cabe denotar que o “habitar” em Bachelard (2008), por similitude, representa o “morar na terra” em Bate (2000). Nesse contexto, reitera-se que “Pasárgada” é um lugar ecopoético, que se deseja como lar, em meio a elementos naturais, como, por exemplo, a água, por meio das alusões ao “mar”, ao “rio”, identificadas nos versos que se seguem: “Tomarei banhos de mar!” / “Deito na beira do rio” (Bandeira, 2014, p. 33).

Outra perspectiva do habitar vem do filósofo Martin Heidegger (2010), ressaltando que é preciso habitar a Terra com o resguardo atento e cuidadoso, para que a essência (a natureza) seja um legado perene às gerações futuras. Em outras palavras, faz-se imperioso estar na Terra como em sua própria casa (vivida ou sonhada), ou seja, criando afeto e intimidade (topofilia). Sendo assim, na concepção do autor alemão, deve-se construir um lar, afastando-o de qualquer perigo ou destruição iminente, a fim de que se possa habitar e, portanto, sentir-se bem, como em “Pasárgada”. Nesse aspecto, Heidegger (2010), Bachelard (2008) e Manuel Bandeira (2014) apresentam sensações convergentes na relação com o espaço (vivido ou sonhado).

Sob tal ótica, pondera-se que a anáfora (repetição) do termo “Pasárgada” na obra em análise, desde o título do poema até a quinta estrofe, reforça a importância desse lugar na existência (resistência) do eu-lírico e do poeta, representada na forma de abrigo e aconchego. Posto isso, deduz-se que “Pasárgada” tem um inestimável significado para o “habitar” na Terra, pois é lá que eles (eu-poético e escritor) podem usufruir daquilo que consideram essencial. Por conseguinte, a relação subjetiva com o espaço dá sentido à vida.

Partindo dessa premissa, infere-se que, nessa continuidade da análise ecocrítica e ecopoética do poema em questão, há um profícuo diálogo entre Literatura, Ecologia, Geografia Humanista e Filosofia. Nessa esteira, observa-se que ocorre, explicitamente na discussão acima, a possibilidade de articulação



epistêmica entre esses campos do saber, evidenciando, assim, um substancial contributo para um ensino inter e transdisciplinar de ciências. Dessa maneira, conforme Bachelard (2008), a inspiração dos filósofos para pensar e refletir sobre a natureza e a própria vida advém da poesia e, portanto, da “Poética do Espaço”, que abstrai a essência do ser e estar no mundo de forma holística. Em outros termos, essa imbricação epistêmica traz benefícios ao processo integrado de habitar na Terra, com a intimidade e o aconchego de uma “morada-ninho”.

Revisitando *Vou-me embora pra Pasárgada*, sublinha-se que as referências à “aventura”, à “bicicleta”, bem como as menções a “montar em burro brabo e a tomar banho de mar” remetem a uma infância feliz, vivenciada pelo eu-lírico. Logo, pressupõe-se que há, no poema em questão, uma intensa subjetividade que alude ao pertencimento histórico do eu-poético. Isso pode ser constatado ao serem observadas as suas reminiscências: “Deito na beira do rio / Mando chamar a mãe - d’água. / Pra me contar as histórias / Que no tempo de eu menino / Rosa vinha me contar” (Bandeira, 2014, p. 33).

Nesse contexto, depreende-se que o eu-poético encontra-se envolto num sentimento nostálgico, fruto das lembranças de uma fase pueril, de entretenimento e alegria. Sob esse viés, a ideia de bem-estar interior, revelada pelo eu-lírico, reverbera a lógica do psicanalista Sigmund Freud (1996) [1900], quando pondera que a felicidade é a concretização de um desejo pré-histórico, antigo. Partindo desse princípio, conforme a psicanálise freudiana, o adulto, ao aludir à infância (local físico onde a vivenciou ou relembando as pessoas com as quais conviveu ou ainda rememorando acontecimentos), busca representar uma demanda intrínseca, sempre acompanhada de muita satisfação, quando realizada, quer seja do ponto de vista real ou imaginário.

Sob esse prisma, segundo Freud (1996) [1900], a felicidade, sendo a materialização de um anseio da infância, é alcançada no momento em que o ser humano conquista tal desejo, com ênfase no fato de que essa realização pode ser atingida no mundo concreto, como, por exemplo, mediante uma visita ao local ou às pessoas com as quais manteve, no passado, uma relação de afeto ou ainda, de forma indireta, através de memórias e fantasias, externadas por meio de manifestações artísticas, tais como as apresentadas pelo eu-lírico do poema *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Retomando os versos “Deito na beira do rio / Mando chamar a mãe - d’água. / Pra me contar as histórias” (Bandeira, 2014, p. 33), pode-se inferir que, segundo Bate (2000), esse bem-estar em contato com a natureza revela uma consciência ecopoética. Desse modo, Bandeira, ao transformar essa experiência onírica em linguagem, torna-se um ecopoeta. Acerca disso, Bate (2000) reitera que a ecopoesia não é tão somente um registro do habitar na Terra, mas a experiência íntima e profunda desse processo, em companhia do ambiente natural, desfrutando, assim, dos sentimentos que essa relação permite.

Nesse panorama da relação entre o ser humano e os elementos naturais, como, por exemplo, “rio” “mar”, explicitados no poema em análise, supõe-se que existe nesse processo uma perspectiva fenomenológica. Desse modo, como



defende o filósofo alemão Edmund Husserl (2006), a Fenomenologia representa como a consciência e a subjetividade interpretam os fenômenos, mediadas pela experiência. Essa realidade experiencial prazerosa só ocorre quando existe vida nas interações cotidianas, ou seja, nos momentos pulsantes das vivências (inter) pessoais na imbricação com o ambiente, quer natural, sociocultural ou simbólico.

Nesse ínterim, enquanto não se materializam acontecimentos, permanece, no eu-poético, um profundo vazio, originário da solidão e da ausência experiencial. Diante disso, as experiências pueris descritas no poema caracterizam-se, de fato, como momentos felizes, vivenciados pelo eu-lírico e / ou poeta. Todavia, a falta de vida, em razão do isolamento, sucumbe a alma, emergindo, assim, o tédio, a angústia, o desespero e o desejo de se matar: “E quando eu estiver mais triste / Mas triste de não ter jeito / Quando de noite me der / Vontade de me matar” (Bandeira, 2014, p. 34). Sendo assim, a privação da experiência e a exclusão do contato com o outro deixam marcas psíquicas, que enfraquecem o desejo de viver, como o que ocorreu no poema.

Considerando os estudos de Bosi (1988), divulgados no artigo intitulado “Fenomenologia do Olhar”, assinala-se que, como afirma o notável crítico literário, é preciso “ver-depois-de-olhar”. Dessa forma, para captar a profundidade do poema em exame, torna-se imprescindível uma imersão na linguagem literária e nas múltiplas relações que ela estabelece com diversas áreas epistemológicas, como, por exemplo, Geografia, Filosofia, Ecologia, Psicanálise e Fenomenologia. Partindo desse pressuposto, é fundante, portanto, a possibilidade de um ensino inter e transdisciplinar de ciências, mediado pelas perspectivas ecocrítica e ecopoética.

Tendo em vista uma compreensão mais minuciosa do âmago do escritor em estudo, é oportuno considerar que um longo período de sua vida, conforme Antonio Candido (1981), pode ser abreviado pela epígrafe: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”, extraída do poema Pneumotórax, de autoria do próprio Bandeira. A esse respeito, cabe ressaltar que o poeta descobriu o acometimento de tuberculose aos 18 anos de idade, cujo desespero e melancolia o acompanharam, perpassando angústia e tédio à grande parte de seus versos: “E quando eu estiver mais triste / Mas triste de não ter jeito / Quando de noite me der / Vontade de me matar” (Bandeira, 2014, p. 34).

Retomando a epígrafe que mantém aderência com grande parte da existência de Bandeira: “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”, sublinha-se que o escritor esteve sucumbido em seus desejos carnis, visto que não pôde namorar após a descoberta da tuberculose nem, muito menos, casar-se, em razão da clausura à qual foi submetido, em virtude dessa patologia infectocontagiosa. Diante disso, reafirma-se que, por essa característica da doença, o distanciamento social era uma rotina constante em sua vida solitária, impedindo, assim, de se aproximar das pessoas.

Dessa forma, de acordo com Coutinho (1984), Bandeira buscou a cura em vários lugares do Brasil e na Suíça, onde esteve internado para tratamento durante um período. Nesses locais, certamente, esteve privado da companhia dos entes queridos. Entretanto, no poema em exame, fica patente o grande

pesar que expressa, através do eu-lírico, quanto à ausência do contato físico com mulheres: "Vou-me embora pra Pasárgada... / - Lá sou amigo do rei - / Terei a mulher que eu quero / Na cama que escolherei / Vou-me embora pra Pasárgada / (Lá) tem prostitutas bonitas / Para a gente namorar" (Bandeira, 2014, p. 34).

Nessa seara, ressalta-se que, de modo análogo à perspectiva freudiana, o eu-poético de Bandeira tem uma psicosexualidade latente. No entanto, do ponto de vista tangível, ela se encontra reprimida, uma vez que os desejos, expressos no poema em questão, não são satisfeitos e ainda evidencia uma repressão histórico-cultural. Sob esse viés, para Freud (1996) [1905], o sexo e/ou os alvos sexuais preliminares caracterizam-se como uma "energia vital/pulsional". Sendo assim, o eu-lírico e o próprio poeta buscam absorver essa vitalidade (pulsão de vida) para evadir de uma morte iminente, em razão da tuberculose, uma patologia comumente letal no início do século XX.

Levando em conta as discussões ora expostas, é relevante sinalizar que o poema em análise configura-se como autobiográfico, posto que o eu-lírico e o poeta vivem, na ficção e na realidade, emoções bastante aproximativas (angústia, desespero, tédio, solidão). Nesse caminho, enfatiza-se que, embora Serge Doubrovsky (2005) tenha criado o termo autoficção para nomear o processo supracitado, optou-se por considerar *Vou-me embora pra Pasárgada* uma obra autobiográfica. Essa escolha se deve ao pesquisador Patrick Saveau (2011) que, analisando as contribuições de Doubrovsky (2005), chegou à conclusão de que há um obscurecimento em torno do conceito e das especificidades do vocábulo autoficção.

Diante disso, torna-se mais apropriada a utilização da expressão autobiografia para sinalizar a íntima aproximação entre o eu-lírico e o poeta Manuel Bandeira. Sob tal ótica, afirma-se que o léxico autobiográfico destinado a *Vou-me embora pra Pasárgada* é mais pertinente, uma vez que, conforme Philippe Lejeune (2013), o texto autobiográfico não é um jogo de adivinhação, pelo contrário, há marcas explícitas da inter-relação entre o eu-poético e o autor, como se verifica nessa obra.

Outrossim, entre o eu-lírico e o poeta, há uma identificação projetiva, visto que existe, claramente, uma associação direta entre o universo ficcional do artista e o contexto real vivido por ele. Dessarte, o eu-poético e o escritor compartilham emoções e sensações. Partindo desse pressuposto, é importante realçar que, como advoga Marina Ribeiro (2016), o conceito de identificação projetiva foi postulado por Melanie Klein, em 1946, no texto "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides", um clássico da literatura psicanalítica que, por analogia, serve ao campo artístico como um inestimável contributo ao desvelamento de obras literárias, como, por exemplo, a poesia *Vou-me embora pra Pasárgada*.

Nessa tônica, vale acrescentar que, segundo Ribeiro (2016), na área psicanalítica, a identificação projetiva pode ser internalizada como uma fantasia inconsciente entre analista e analisando ao perceberem pontos de convergência entre ambos. Isso também ocorre, de maneira análoga, no mundo artístico, ao

se observar a correlação entre o eu-lírico e o poeta. Dessa aproximação ficcional, é possível emergir um caráter agressivo, expulsivo e, portanto, defensivo ou um aspecto mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Posto isso, é relevante assinalar que eu-lírico e poeta estão imbricados numa relação identitária, uma vez que o eu-poético de um escritor representa uma projeção dos desejos autorais.

Sob outro prisma salienta-se que, conforme o historiador Boris Fausto (2013), a cidade de Pasárgada (que significa campo dos persas) existiu concretamente, tendo sido a capital do Primeiro Império Persa, cuja construção foi ordenada por Ciro II. No entanto, esse lugar real, mas recriado por Bandeira, como expressa Bosi (2008), representa uma válvula de escape, impulsionada pela liberdade poética do artista, com o fito de evadir de uma reclusão física e psíquica.

Por conseguinte, realça-se que, para internalizar a profundidade de *Vou-me embora pra Pasárgada*, faz-se imperioso o desvendamento dos sentidos implícitos que permeiam a linguagem literária e a multiplicidade de interfaces que a polissemia poética estabelece com vários campos epistêmicos, como, por exemplo, Geografia, Filosofia, Ecologia, Fenomenologia, Psicanálise e História. Nesse ínterim, é recomendável, portanto, a adoção de um ensino inter e transdisciplinar de ciências, mediado pelas perspectivas ecocrítica e ecopoética.

#### 4. Considerações finais

Com base no que foi discorrido no presente artigo, reitera-se a vertiginosa importância das perspectivas ecocrítico-poéticas, tendo em vista um encaminhamento para uma prática pedagógica inter e transdisciplinar de ciências, suscitando, assim, um ensino integrado, congregando diversas áreas do saber, conforme foi apresentado e discutido neste manuscrito. Desse modo, torna-se viável uma imersão epistêmica dialogal, por intermédio da arte / literatura / poesia, uma vez que o estudo holístico possibilita uma conjunção amorosa entre o concreto e o abstrato, entre a objetividade e a subjetividade, cuja coexistência, na mente e na alma humana, permite um mergulho na profundidade do conhecimento, interligando, assim, as partes ao todo e o todo às partes.

Nesse contexto, reafirma-se que o poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, caracteriza-se como uma fonte inesgotável de percepções e interpretações que circundam o universo epistemológico de inúmeras ciências, haja vista a literariedade (polissemia da linguagem) e a complexidade do ser humano na relação com o outro, com o ambiente, consigo mesmo e a com cultura, a qual é construída historicamente. A partir disso, pode-se inferir que essa estrutura profunda de imbricações permite um ensino, em qualquer nível e modalidade, respeitando as suas especificidades, inter e transdisciplinar de ciências.

Assim sendo, arremata-se que a ecocrítica e a ecopoética configuram-se como férteis mecanismos inter e transdisciplinares para um ensino de ciências,

visto que agregam reflexões múltiplas e desencadeiam conhecimentos vários que eram concebidos diacronicamente como inconciliáveis. Dessa forma, tais vertentes representam um contributo à superação do paradigma positivista, que, ainda hoje prepondera no meio acadêmico-científico, impedindo, muitas vezes, um profícuo diálogo entre os diversos campos epistêmicos.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. São Paulo: Global, 2014.
- BATE, Jonathan. **The Song of the Earth**. Cambridge, Massachussets: Havard University Press, 2000.
- BOSI, Alfredo. A fenomenologia do olhar. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras. 1988, p. 55-73.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.
- CARVALHO, Anna Christina de Farias. Ecocrítica no Cordel "O Clamor do Meio Ambiente", de Abraão Batista. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 34, p. 1-15, 2017.
- COUTINHO, Afrânio. **As formas da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bloch, 1984.
- DOUBROVSKY, Serge. **L'autofiction selon Doubrovsky**". *In*: VILAIN, Philippe. **Défense de Narcisse**. Paris: Grasset, 2005, p. 23-31.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 37-67.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-36.



GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll.; FROMM, Harold. (eds). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996. p. XV-XXXVII.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Revista Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 63-89, 2020.

LEJEUNE, Philippe. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 537-544, out./dez., 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas. SP. Pontes/UNICAMP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e enactment. O analista implicado. **Revista Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 132-144, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília - Hucitec, 1986.

RUECKERT, Willian. Literature and ecology: an experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll.; FROMM, Harold. (eds). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996. p.105-123.

SAVEAU, Patrick. **Serge Doubrovsky ou l'écriture d'une survie**. Dijon: EUD, 2011.





TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 09 de setembro de 2025.

Publicado em: 17 de setembro de 2025.